

(Esta obra foi publicada pelo Reverendo Salomão Ferraz em 1930, definindo a sua visão sobre a Santa Igreja Católica, quando o Catolicismo Salomonita ainda era apenas um movimento cristão brasileiro, sem autonomia eclesial, estando ainda sob a jurisdição da Igreja Episcopal Brasileira - Ramo Anglicano - e portanto, na sua fase pré-romana, ou seja, antes de sua malograda e nefasta união com a Igreja de Roma. - Dom Felismar Manoel - Bispo Primaz do Catolicismo Salomonita no Brasil. - Mosteiro Compaixão Sagrada - Tríduo das Rogações de 16 a 18/05/2013 - Duque de Caxias, RJ)

A Santa Igreja Católica

Nos grandes conflitos sociais, cruentos ou incruentos, o que tem importância, o que tem valor, não são os partidos que vencem ou que são vencidos, mas os princípios que prevalecem. A questão primordial, para um indivíduo ou um povo, não são as facções que eventualmente manejam as rédeas do poder, mas os princípios diretores de sua vida espiritual. Se estes princípios foram verdadeiros, abraçados com inteligência pelas massas, então o futuro nacional estará plenamente assegurado. Mas se estes princípios forem falsos, insubsistentes, subversivos, não se pode antever senão um futuro pejado de calamidades e misérias.

Da “Oração da Pedra”

**Dom Salomão Ferraz
São Paulo – 1930**

Preâmbulo

As questões religiosas não pertencem, como alguns pensam, ao puro domínio das abstrações, mas afetam profundamente o viver dos indivíduos e dos povos. Quando os interesses nacionais colidem com os de natureza religiosa, é porque alguma coisa vai errada, ou na orientação política vigente, ou na interpretação dos princípios e fatos religiosos, ou talvez em ambas as partes que contendem.

Urge, pois, não somente que estudem os princípios e processos de boa e sã política, mas também os que dizem de perto com a prática da religião. A liberdade religiosa, sendo uma das mais belas franquias cívicas de um povo, impõe também aos homens que versam desta ordem o dever de pôr ao alcance dos seus concidadãos o contingente, embora exíguo, das suas luzes, o fruto dos seus estudos, das suas reflexões e experiências.

Há realmente no Brasil, o perigo de um cáus religioso com a sua funesta repercussão na vida moral e social de uma população heterogênea, procedente das mais variadas raças do velho mundo. O magno problema social, na atualidade, é o da assimilação destas diferentes raças, afim de constituírem conosco uma só família nacional, sem rivalidades, sem dissídios, sem desnecessários conflitos de qualquer natureza. E a religião cristã, devidamente interpretada em seus elementos vitais, é a grande força unificadora, não somente de povos e raças, mas também de correntes de princípios que, legítimas em si, mostram-se perpetuamente antagônicas.

É, pois, na religião de Cristo, ou, para melhor dizer, em Cristo, que essas correntes, legítimas porém divergentes, se encontram sem explosão, sem exclusão, sem extermínio, mas produzindo claridade, energia e vida. Nele é que perfeitamente se harmoniza o princípio de liberdade com o de autoridade. Mas esse encontro há de se produzir exatamente na sua personalidade divina, real, viva e não em algum ponto fora dela. As correntes elétricas, quando se chocam no aparelho

próprio, produzem luz e força; fora dele, porém, fazem o curto circuito, a explosão, o incêndio, o desastre, a morte.

Assim é que, no mundo cristão, as divergências, quando legítimas, só poderão ser eliminadas pela sua confluência em Cristo, e não pelo mero embate de umas contra as outras.. A reconciliação religiosa do oriente e do ocidente, há séculos separados, não se efetivará por via de fórmulas dogmáticas conciliatórias, nem pela renúncia de uma das partes, afim de reconhecer na outra o único cetro regente, mas pelo verdadeiro retorno de uns e outros a Cristo. Ortodoxos chamam-se uns, ciosos da pureza apostólica de sua doutrina, conservada através do conflito multissecular de acerbos controversias; e católicos, em sentido restrito, é o nome que a si próprios se dão os do ocidente. Pretendem uns a harmonia do mundo cristão pela força de um credo integral de que se reputam guardiães, e outros pelo poder de uma autoridade central, de que se crêem depositários.

E qual o resultado de semelhantes atitudes? No oriente, a desintegração daquela Igreja, que não resistiu ao embate de forças seculares, chegando ao estado em que hoje se encontra; e no ocidente, a revolução da Reforma que cindiu a Igreja, menos pela grande força dos elementos dissidentes, do que pelo desprestígio em que caíra o poder central.

O de que uns e outros mais carecem hoje é de renunciar as respectivas pretensões do saber e do bastão do poderio como termos de comunhão, e humildemente galgarem o ponto mais alto, junto à cruz, como ignorantes e fracos, mas redimidos por Cristo e irmanados pelo preciosíssimo sangue que a todos purifica e os consagra para Deus.

As pretensões doutrinárias tornam os homens arrogantes, irreconciliáveis; e as ambições do mando, mesmo com os mais nobres motivos, indispõem-lhes o ânimo para acolher os irmãos com humildade, com paciência, com amor e espírito fraternal.

Dogmatismo e poderio, eis os dois grandes ídolos que dividem o mundo cristão em nossos dias. E não haverá possível acordo, enquanto os grupos em litígio não se resolverem a subir juntos, com alma e coração, ao Altar de Deus (Introibo ad altare Dei). E aí, compungidos e humilhados à vista de seus

próprios delitos, como corporações, e postos em face do abismo inescrutável do amor de Deus, aprenderão que a real sabedoria é a que vem da cruz, e que o único poder que vence os dissídios e preserva os corações em paz, é o poder do amor, inspirado naquele que veio, não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos.

Aos cristãos não existe o direito de falar de paz entre as nações, nem erguer protestos contra as guerras, enquanto viverem a fomentar amargas discórdias entre si. A paz da Igreja deve anteceder a paz dos povos.

Os sinais evidentes de social delinquência, em nossos dias, provocam nos homens três atitudes diferentes. Uns, os que não vêem senão o ensejo de se chafurdarem também na podridão, como suínos, a se resolverem na vasa, sorvendo ávidamente as impurezas. Outros, dotados de senso de retidão e decência moral, porém descrentes, só sabem soltar um grito de imprecação e pessimismo. Porém aos homens de fé é que está reservada a tarefa de açacalar as armaduras e, sob a inspiração do celestial Comandante, evitando atritos com os próprios camaradas, marchar em ordem para a vitória da verdade, da justiça e da paz em um mundo cambaleante, lacerado por instintos bestiais desgovernados. O único remédio é o que se encontra na fé, na atuação cristã, inteligente, disciplinada. “Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé”. I João 5:4.

O dever supremo hoje, é o de semear a paz, a boa vontade e o mútuo respeito entre os crentes, incentivando, para isso, a sagração pública da sua unidade em Cristo, como homens livres, emancipados pela cruz, e por isso mesmo humildes, reverentes - curvados, cada um deles, mesmo o mais obscuro, sob o sentimento vivo de uma responsabilidade pública, compartilhada por todos, e jamais entregue *sine conditione* às mãos dos que ocupam as sedes do poder, qualquer que ele seja, espiritual ou temporal. A disciplina do Altar, no mais alto sentido cristão, é a verdadeira escola e base de granito, em que se pode firmar e prosperar toda a real democracia.

Reverendo Salomão Ferraz - São Paulo, abril de 1930

Definindo Objetivos

O uso do discernimento – acatar as tradições, o corretivo dos abusos – atitudes justas, definição de objetivos.

*

De duas coisas principais depende a solidez e estabilidade de uma obra: alicerces e prumo... O que resta, agora, não é ir metendo mãos à obra fazendo tudo à pressa, às cegas, atabalhoadamente, a torto e a direito, visando apenas a ingente quantidades de obras feitas, porém urge refletir por um momento e dar toda a atenção e o mais rigoroso cuidado ao segurar do prumo. Porque qualquer inclinação de uma parte ou de outra, será fatal. Veja, pois, cada um como edifica!
De “Princípios e Métodos”

*

Definindo Objetivos

Discernimento - É sobremodo grave a tarefa de quem se propõe a difundir princípios religiosos e congregar as almas em torno deles. Se estes princípios forem sãos, equilibrados, construtivos concorrerão para o bem geral do povo, para a sua educação moral e cívica, sem prejuízo do seu progresso geral; mas se forem falhos, unilaterais, extravagantes, só poderão exercer um efeito dissolvente nas massas. A justeza de uma causa não se aquilata pelo ardor dos seus propagadores, nem ainda pelo êxito estrondoso que logrem porventura alcançar, de início, com as turbas, mas deve ser computada pelos seus méritos reais, depois de metucioso exame.

É tempo, no Brasil, de se estudarem com calma todos os problemas que dizem com a vida nacional em seus vários

aspectos, políticos, sociais e religiosos, e outros, intimamente ligados entre si. Ninguém pode, por exemplo, cuidar de religião sem ver imediatamente as suas íntimas relações com a vida nacional no seu conjunto. A respeito de um sistema religioso qualquer, não se deve perguntar somente se faz bem ou se agrada o indivíduo que o professa, mas também se os seus efeitos serão de proveito para a inteira comunidade.

Erro monstruoso seria, de certo, o encerrarmo-nos dentro de muralhas chinezas, suspeitosos de tudo o que nos vem de fora; mas de bom aviso não é, também, acolher sem restrições, ou sem detida análise, tudo o que se nos inculca de outras terras. As grandes idéias e as grandes instituições são o patrimônio geral da humanidade e perdem, por isso, o caráter regional quanto ao seu fundo básico, mas conservam certo cunho especial dos países em que são implantadas. Cumpre-nos pois, em tudo, saber discernir o que é de natureza essencial e o que pertence à mera categoria de acidentes, e não aceitar irrefletidamente as coisas, sem as passar pelo filtro do nosso próprio critério.

Não nos convém de certo a prevenção sistemática contra tudo o que tenha procedência do estrangeiro, especialmente quando se nos apresenta com espírito respeitoso para conosco, procurando ajudar-nos e receber também o nosso auxílio, nesse intercâmbio honroso que faz a glória e a alegria dos povos cômicos dos seus destinos.

E assim será bem aceita por nós toda a propaganda social, científica ou religiosa, que não tenha por efeito malquistar-nos com o nosso passado nem indispor-nos, por atitudes extremadas, com o ambiente da vida nacional. Temos o direito e o dever de conservar, em suas linhas gerais, o nosso feitio individual como povo, olhando com reserva para quanto pretenda fazer táboa rasa, como indigno e desprezível, de todo o nosso passado.

Verdade é que não pode haver real progresso, em qualquer dos domínios frouxos, covardes, da vida, sem a intrepidez dos que ousam romper com um meio inquinado de vícios seculares e de abusos que, tolerados, perpetuar-se-iam indefinidamente para a geral desgraça. Mas para isso é necessário que se assinale com exatidão, como nas

intervenções cirúrgicas, o ponto certo em que se deve fazer a ruptura, afim de não se atassalharem as carnes do enfermo, deformando-as, inutilmente. Com isso não se pretende, de certo, acoroçoar atitudes frouxas, covardes, esquivas e inócuas, porém as que se distinguem por justas, e por isso mesmo intrépidas, firmes e intransigentes no meio de contradições apaixonadas e extremistas.

E quanto às nossas crenças religiosas, cumpre-nos aderir com vigor a tudo que é essencial, e que é exatamente o que pertence ao patrimônio comum de toda a cristandade. Cavando fundo sobre a crosta de camadas diferenciais, chegaremos a rocha comum subjacente em que se irmanam os crentes por todo o orbe.

Essa rocha, que não é o mínimo de princípios cristãos, mas o máximo, porque os abrange a todos, é o que constitui o elemento essencial da fé católica.

Ritos e Cerimônias – No tocante aos ritos e cerimônias do culto externo, embora não sejam essenciais em si, não são todavia de natureza tão secundária e desvaliosa como a muitos se afigura. Não convém adotados ou omitidos arbitrariamente ao sabor de cada indivíduo ou grupo, mas de acordo, o quanto possível, com a usança geral da Igreja. Podem ter um efeito reverencial, conciliador, unificante, ou podem ter um caráter contencioso, displicente e provocador. Sendo os mesmos ou quase os mesmos em toda parte, mostram, à primeira vista, que a religião de Cristo é uma só, apesar de serem muitos e diversos os povos que a professam, e a despeito dos sistemas vários que a representam.

Se alguma agência religiosa inclui entre as suas finalidades o propósito de fazer oposição sistemática e incondicional a qualquer outra, há então todo o proveito de se acentuarem e criarem diferenças irreconciliáveis, à maneira de certos políticos de aldeia que, vitoriosos e senhores da situação, entregam-se furiosamente ao extermínio de tudo o que fizeram os seus antecessores, arrancando as placas de ruas e praças, substituindo-as por outras, e inutilizando obras públicas que possam sugerir, de alguma forma, um título de benemerência aos seus rivais. Há uma coisa porém que não logram mudar, a

não ser para pior; é o espírito estreito, intolerante, desonesto, pequenino.

Porém se o objetivo de uma obra religiosa é, deliberadamente, o de ajudar as almas, instruí-las, incutir-lhes sentimentos nobres de reverência para com Deus e de amor e respeito pelos homens, especialmente aqueles que trabalham para o mesmo fim, então sentir-se-á toda a conveniência em fazer o mínimo possível de alterações no que toca as cerimônias, usos e costumes religiosos existentes, e muito particularmente quando estes representam tradições multisseculares da Igreja Universal.

Atitudes Justas - Será este o modo de agir de quem se dispõe a efetivar uma obra religiosa construtiva em qualquer parte do mundo. Não terá garbo em diferir de outros em coisas de somenos, mas não fugirá também de mostrar-se diverso e melhor em tudo o que for necessário e indispensável, especialmente em dar provas de tolerância em face da intolerância, de justiça e equidade em presença da injustiça, de paciência no meio de provocações, espírito de apreciação em revide a insultos e impropérios, de amor cristão e fraternal em resposta a hostilidades. As atitudes justas, respeitadoras, fraternais, sem frouxidão ou subserviência, falam muito mais alto do que todos os argumentos.

É inegável que a propaganda religiosa, de tipo intolerante e infenso às formas tradicionais do culto cristão, apresenta, por vezes, frutos de verdadeira conversão e mudança de vida. E isso lhes serve de argumento para se firmarem de que é esse o verdadeiro e único método de agir. Mas se observarmos com atenção, veremos que nos seus conversos foi inoculada uma disposição de espírito doentia, impregnada de ódio sectário, e uma tal e qual fobia infraternal e irreverente. Tais prosélitos são ensinados a menoscar tudo o que representa o patrimônio sagrado das suas tradições, a começar pelo batismo, que renunciam como irrito e falso, a fim de receberem, às mãos de enviados de outras terras, ou de seus discípulos, um novo batismo, o verdadeiro, como são levados a crer. E o espírito desrespeitoso, não contente com isto, vai

por diante, malsinando tudo, até colocar o pé profano sobre o Altar da Santa Comunhão, falando com desdém da própria Instituição de Cristo e do pão asmo que se consagra na Eucaristia segundo o rito cristão tradicional no país. E assim prossegue, dando a tudo uma interpretação grotesca e degradante. É isto incontestavelmente um mau processo, de consequências muito mais graves do que a princípio se imaginam. E as maiores vítimas são os próprios que o empregam, criando em torno deles um ambiente de impiedade e desacato, de que se queixam depois com amargor.

Eliminando dos seus templos e das suas devoções o simbolismo da cruz, pelo motivo de haver sido usado com ignorância e superstição, eles engendram, por sua vez, uma outra superstição, de efeitos mais funestos, porque irreverente, audaciosa e fatora de preconceitos odientos, difíceis de se removerem: é o medo supersticioso da cruz. O símbolo da fé, da redenção, da vitória e da fraternidade vem a ser considerado por muitos como o sinal da besta apocalíptica, ou a senha do inimigo das almas.

Atitude monstruosa, aberrante de toda a tradição cristã e dos próprios termos da Escritura Sagrada, pode ser ótima para quem visa engrossar fileiras de partido a todo preço, porém péssima para o real serviço em prol das almas, que devem ser edificadas na fé, na verdade, na tolerância humilde e caridosa, no amor de Deus, e no espírito da universal unidade dos que crêm em Jesus Cristo.

Sabido é que tal atitude extremada, visivelmente injusta, é assumida por ignorância nascida de velhos preconceitos sectários, e não propriamente por má fé, nem por maus intentos. Porém as boas intenções não redimem os maléficos efeitos de crenças e práticas menos corretas.

A cruz, quer usada no simbolismo das palavras, quer nos das formas ou dos gestos devocionais, significa sempre a mesma coisa - gratidão ao Salvador que nos remiu, confiança no valor do seu preciosíssimo sangue, e a lealdade que devemos a quem deu a sua vida por nós.

O corretivo dos abusos - Se as formas do culto externo, praticadas com abusos, caíram porventura em desprestígio, o melhor serviço que se pode prestar ao público e à causa da religião, é reabilitá-las, oferecendo o exemplo de como podem ser usadas com espírito sério, devoto e inteligente. Essa religião com pretensões a um puro espiritualismo, sem fórmulas que a traduzam ao alcance dos sentidos, não é a religião de Cristo, não é a religião do Verbo que se fez carne e habitou entre nós, mas é a velha heresia gnóstica dos tempos primitivos, modernamente representada por alguns sistemas anti-cristãos radicados à Índia, e tão em voga, hoje, com certos espíritos que nunca beberam na fonte divinal da religião de Cristo.

E se abusos justificam o desprezo das coisas que assim foram tratadas, e a rancorosa aversão para com elas, então a Bíblia mereceria a mesma sorte, como há hoje muitos que assim pensam. Pois não há livro no mundo, de que mais se tenha abusado do que a Bíblia, maltratada por amigos e inimigos. Mas o corretivo de tais abusos não é deitar o sagrado volume às chamas nem o proibir a sua leitura, como alguns fazem com imenso dano para as almas, mas ensinar o povo a lê-la com inteligência e espírito reverente.

O que resulta dessa propaganda de caráter sectário e intolerante é a formação de uma atmosfera empestada de querelas e desnecessárias amarguras, com recíprocos baldões e ameaças com o castigo do inferno, que desgraçadamente não raro se efetivam, não na outra vida, mas mesmo nesta, criando-se um verdadeiro inferno de desavenças no seio de famílias e entre amigos, que já não se entendem uns aos outros. E quando começam a voltar às boas, é ao preço de certa indiferença religiosa. É que uns e outros se bateram pelas cascas da nóz, esquecendo a melhor parte, a qual, devidamente recebida, teria servido para apertar entre eles os vínculos sagrados de amizade e amor cristão.

Definindo Objetivos - Há certos quesitos que devem ser

levados ao foro da consciência de quantos se empenham na obra religiosa. Qual o fim colimado pela propaganda que fazem? Ajudar as almas ou exercer sobre elas predomínio? Instruir as massas, ou explorar nelas, por processos demagógicos, o mero espírito de revolta e deserção? Edificar ou dispersar? Unificar ou dividir? Avivar a chama broxuleante da fé nos corações, ou apagá-la com atitudes extremadas e irreverentes? Que se pretende? Promover os interesses de seita, acentuando para isso diferenças com outros, ou promover os fins do reino de Deus pela fraternização dos homens em Cristo? Inspirar outras agências que visam o mesmo objetivo, oferecendo-lhes, para isso, um modelo, um estímulo, para que melhor se corrijam dos seus defeitos e se restaurem das enfermidades crônicas que as afligem, ou desacreditá-las no conceito do povo, trazendo assim geral desprestígio para toda a religião de Cristo? Honrar perante o mundo o nome de Cristo, ou desonrá-lo, fazendo acreditar que a religião divina, na obra de unificar as almas, vale menos que certas associações seculares de objetivos filantrópicos, que têm os seus membros reconhecidos em todo o mundo?

Tais interpelações, como acima, não podem ser acoimadas de gratuitas ou impertinentes, especialmente quando o mundo, avariado por uma recente catástrofe de proporções inauditas, se defronta com uma situação moral tremenda que só a influência de Cristo, direta e incontrastada, poderá conjurar. E a nossa própria pátria, nos dias que atravessa, reclama dos seus filhos uma atitude tal, inteligente, coesa e valorosa, que só na religião divina, inspiradora da fé, da fraternidade e da paz, lhes será dado encontrar.

* * * * *

A Unidade da Igreja

O sacramento da Unidade - conceito católico da igreja -
chibolethes provincianos - a autoridade moral - sede visível de
unidade - selo inviolável de unidade - sede suprema do poder -
o lábaro da cruz -

Prece a favor da Santa Igreja Católica

Altíssimo Deus, supremo doador de todo o bem; A tua benção nós imploramos a favor da tua santa Igreja Católica: a cada um de nós seus membros anima e esclarece, em todo o lugar, com a plena luz da verdade, enchendo os seus corações de amor, e do espírito de concórdia e paz. Onde se encontra a tua Igreja em decadência e corrompida, digna-te purificá-la e erguê-la; onde em erro, dá-lhe a tua instrução, e conduze-a pela reta vereda; deturpada por abusos, opera-lhe saudável reforma; e onde se revela íntegra e fiel, seja por ti confirmada; e onde sofre, à mingua de recursos, envia-lhe o teu socorro. E sana enfim todas as suas discórdias; por amor daquele que morreu e ressurgiu, e vive agora para interceder por nós. Jesus Cristo, teu Filho, nosso Senhor. Amém.

- Da Liturgia da Santa Comunhão -

A Unidade da Igreja

Pedagogia Religiosa - Moisés, o legislador hebreu, foi o mais perfeito educador de quantos floresceram nos tempos antigos. E a obra da instrução religiosa, em nossos dias, encontra nele um modelo de valor inestimável.

É de notar a suma habilidade com que, a passos seguros e firmes, vai do concreto para o abstrato, do conhecido para o incógnito, do simples para o complexo, mediante transições naturais e faceis. Encontra ele, para se firmar, um ponto de partida que é ao mesmo tempo um fulcro, em torno do qual deve revolver em ordem, em harmonia e perfeita coesão, todo o ensino religioso e cívico.

Esse ponto central, que fala ao mesmo tempo à razão, à imaginação e aos mais profundos afetos da alma, é a Instituição da Páscoa, que seria solenemente celebrada, no decurso das gerações, em comemoração do estupendo fasto nacional que foi o Exodo. "Guardareis isto para vós e para vossos filhos para sempre. E quando tiverdes entrado na terra

que o Senhor vos há de dar, segundo a sua promessa, observareis este serviço". E passa então a mostrar o fim didático que teria esta observância para as futuras gerações: "Quando vossos filhos perguntarem: Que quereis dizer com esse rito? respondereis: É o sacrifício da Páscoa do Senhor, que passou as casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios e livrou as nossas casas".

O legislador hebreu escolhe o momento culminante e decisivo na história do povo, a memorável saída do Egito, e põe-no como fundamento e como eixo em torno do qual se deve desenvolver toda a obra da educação religiosa e nacional.

A Eucaristia - Jesus Cristo, o incomparável mestre e educador dos homens, diante do qual os demais desaparecem como estrelas à luz do sol, não deixou desorientados os seus seguidores, sem um ponto central e concreto, que seria para eles como a pedra angular em que se assentasse todo o vasto edifício da obra, particularmente divina, de que os encarregara, da educação religiosa e moral dos povos. Ao instituir a Eucaristia, ele insiste sobre o aspecto memorial e didático do rito: "Fazei isto em memória de mim". A palavra "memória", aqui, seria melhor traduzida como "memorial". E São Paulo, comentando a instituição, assim se exprime: "Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, "anunciais a morte do Senhor até que ele venha". Vê-se, pois, que no pensamento de Cristo, bem como no do apóstolo São Paulo, a Eucaristia, além de outros objetivos, tem um fim distintivamente instrutivo, visando tornar Cristo lembrado, honrado e conhecido, não apenas dos fiéis, mas também das novas gerações e do público em geral. E este rito, tal como o da Páscoa dos judeus, é, também, de natureza a provocar nas crianças a natural curiosidade de saber o sentido de todo aquele ato solene.

É aí, portanto, onde se encontra o ponto de partida e o mais feliz programa de um curso de instrução religiosa. O ensino cristão, assim ministrado, perde o seu caráter vago e distante, tornando-se coerente, empolgante, prático, substancial. Ao mesmo tempo, desaparece o feitiço abstrato e meramente

curioso, em que se degenera tanto esforço bem intencionado para disseminar a instrução religiosa, assumindo tal ensino uma finalidade concreta, preparando o catecúmeno para um ato visível e objetivo, que é tomar parte na Santa Eucaristia, e tendo como consequência definir a sua atitude perante os homens e aos olhos da sua própria consciência.

Sacramento da Unidade - Tal deve ser o plano de uma sólida instrução religiosa. Mas para isso é necessário, antes de tudo, que se conheça a significação, o valor e a finalidade da Santa Eucaristia. Sacramento da unidade, não pode ser tido em alta estima onde reinar o espírito individualista e faccioso. Desaparecido o espírito de união, e em seu lugar prevalecendo apenas o zelo arrogante e sectário, a Eucaristia cai também no menosprezo, como se fosse apenas um simples apêndice humilhante e importuno de uma religião espiritual.

Sacramento da Fé - É também o sacramento da fé, da religião revelada, divina, sobrenatural. E quando a chama da fé se vai apagando, substituída pelos fogos fatuos de um modernismo naturalista e incrédulo, reprodução do velho arianismo, o Sacramento do Corpo e Sangue do Senhor vai também caindo no descrédito por espíritos frívolos, que todavia se julgam superiores e emancipados.

Mas o Sacramento do Altar, fielmente celebrado e recebido, com fé humilde e singela, é o meio divino de atear a flama da fé nos corações, livrando-os de acabar nas trevas da descrença e do pessimismo, e renovando neles a fonte de perenes alegrias.

Fruto da fé, a Santa Eucaristia, qual lente cristalina que focaliza e aumenta o calor dos raios solares, é o grande meio, instituído por Cristo, para a renovação contínua e salutar da fé.

Conceito Católico da Igreja - Por isso um dos distintivos mais salientes que deve ter uma eficiente educação religiosa,

há de ser a proeminência dada ao caráter católico da Igreja, deixando ficar em plano relativamente secundário o sistema peculiar - romano, anglicano, ortodoxo ou evangélico - a que possa estar o crente eventualmente filiado pelas suas próprias preferências ou quaisquer circunstâncias alheias à sua atuação.

Dividido em vários ritos e sistemas disciplinares, como se encontra o mundo cristão, não seria isso de maior consequência, se não fora o espírito de ignorância, de recíproca hostilidade e desamor que prevalece entre tantos que professam a religião do Mestre. Foi esse mau espírito, de que nenhuma das partes é inocente, o que rasgou, nos séculos passados, a túnica inconsutil de Cristo.

E o mundo necessita, hoje talvez mais do que nunca, depois do século apostólico, de que toda a Igreja apresente uma frente única contra o inimigo comum - o materialismo incrédulo, truculento, dissolvente.

E a mesa da Santa Comunhão deveria ser o lugar privilegiado, no alto, na região em que prevalece a caridade cristã, fora do ruído infernal da contenda das línguas, onde todos os crentes se irmanassem, esquecidas todas as diferenças, perdoadas todas as mágoas, como uma só família e um só corpo em Jesus Cristo.

E por isso urge, nos tempos que correm, passar em revista a doutrina e prática do Sacramento do Altar, estudando o assunto com isenção de ânimo e reformando os nossos pensamentos e hábitos em tudo o que estiverem de encontro ao ensino e ao espírito de Cristo.

Mas não podemos encontrar um conceito exato do valor da Eucaristia como Sacramento de unidade, sem alguma noção, mais ou menos clara, do que constitui a base elementar da unidade da Igreja. Esta unidade, não apenas espiritual, intrínseca, latente, abstrata, mas concreta, visível, profunda, integral, constitui, na sua essência, o ideal católico, ou, noutros termos, o ideal de Cristo.

Conformar-se, pois, com uma Igreja dividida, ou dissimular a situação taxando de herejes indistintamente a todos quantos, embora reverentes, piedosos e sinceros, não se alinham ao sistema que reputamos o melhor, é agravar o mal em vez de

promover-lhe a cura.

Unidade pela Supremacia - E assim, o meio sumário, que muitos imaginam capaz de resolver de um golpe o delicadíssimo problema da unidade da Igreja, é o de reconhecer a supremacia, *de jure*, de um dos ramos da Igreja, escolhendo, para isso, aquele que pareça haver resistido menos mal ao embate dos séculos, e arvorá-lo como o núcleo necessário e absolutamente indispensável de unidade. Mas esse recurso, tentado com maestria durante séculos, fracassou, como os fatos o demonstram. E não poderia deixar de fracassar, visto não ser o método de Cristo, nem o dos apóstolos, nem o da Igreja Primitiva. Antes da idéia de ordem, segundo o exemplo e o preceito de Cristo, vem o amor; e antes do pensamento de governar, vem o de servir. O de que necessitamos, hoje, não é tanto de qualquer mudança de sistema ou de organizações, mas uma mudança radical de espírito. Urge que todos passemos por uma crise de profunda e sincera conversão. São Pedro foi, no seu dia, o chefe dos apóstolos; mas o foi, não por um suposto dom de infabilidade pessoal em virtude de seu cargo, nem ainda por meras qualidades de liderança, e espírito de renúncia, mas sobretudo pelo seu espírito humilde e contrito. Humilde e contrito, quando reconhecia os próprios erros e deles se penitenciava, sem se julgar desautorado com as advertências de um irmão; quando reconhecia os seus deslizes e falhas, até nos atos da vida pública, e não tinha por desdouro retratar-se. Foi um verdadeiro chefe, como o foram também - diga-se com prazer - muitos dos primeiros bispos de Roma, que puzeram todo o empenho em ajudar outras igrejas, sem qualquer propósito de predomínio sobre elas.

Sedes de Influência - Se a primazia cabe hoje a Roma ou a Cantuária, ou a qualquer outra sede de influência no mundo religioso, não é mais matéria de discussão: é matéria discutida e decidida; discutida pelos primitivos apóstolos, mais de uma vez, e decidida de uma vez para sempre pelo próprio Mestre, quando disse: "Sabeis que os governadores dos gentios

dominam os seus vassallos, e sobre eles exercem autoridade os grandes. Entre vós porém não é assim. Mas quem entre vós quiser tornar-se grande, será esse o vosso servo; e quem quiser o primeiro entre vós, será esse o que vos sirva. E assim é que o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos". Mateus 20: 25-28.

É fácil também esbravejar contra a tirania, na Igreja ou no Estado. o que é difícil é afinar o nosso espírito pelo diapasão de Cristo e pautar o nosso modo de viver e de agir segundo o seu ensino e exemplo. Mas é este o caminho único, que leva a emancipação das massas e à unidade da Igreja.

E por isso, tomando-se como fulcro doutrinário e de ação prática, não meros e profanos princípios de primazia e domínio, mas a divina instituição do Senhor, isto é, a Santa Eucaristia, têm-se em vista reunir os homens e irmaná-los, menos como filiados a qualquer grupo ou sistema religioso, do que como membros da Santa Igreja Católica, na aceção que tem a frase nos Cremos Apostólico e Niceno.

Católicos pelo Batismo - A qualidade básica e formal de católico é adquirida pelo Batismo, segundo o ensino apostólico e o consenso geral da Igreja desde os tempos primitivos. O Batismo é a bandeira cristã destinada a farfalhar, como símbolo inviolável da unidade, por cima de todas as divisões que separam ocasionalmente os fiéis uns dos outros. Desde o século III, por motivo de controvérsia de São Cipriano com o Papa Estevão sobre a validade do batismo conferido por heréticos, ficou assente, na consciência da Igreja, o princípio de que todos os batizados pertencem a Igreja Católica, e assim se considerou condenada, desde então, a prática do rebatismo.

Seria uma educação cívica errônea acentuar, a mocidade, o zelo provinciano em dano da idéia geral da pátria una, grande, forte, prestigiada. Assim também, na educação religiosa, não é de bom aviso suscitar o espírito sectário, estreito, intolerante, a que são os homens tão afeitos, em prejuízo dos mais altos interesses da família cristã universal, que deve ser unida em amor, em fé, em humildade, em mútuo serviço e geral

consagração à causa dos mais elevados interesses da raça humana.

As Divisões na Igreja - Certo é que não podem ser sanadas de um golpe as discórdias e divisões seculares da família cristã no mundo, e que tanto desdouro trazem ao nome de Cristo, enfraquecendo também a ação da Igreja em presença do inimigo comum, que é o mundo incrédulo e dissolvente. Entretanto podemos orientar as nossas atividades no sentido de por em evidência o nosso caráter cristão e católico, como batizados, subordinando a isto qualquer feitio particular de rito ou disciplina.

A nenhum cristão é lícito, especialmente hoje, frisar acidentes diferenciais que separam os crentes uns dos outros, esquecidos dos grandes e profundos vínculos espirituais que os irmanam, e das momentosas e vitais questões que os chamam, ao toque vibrante do clarim do Santo Espírito, a cerrar fileiras contra as hostes tenebrosas que se arregimentam, com todas as armas, contra Cristo e a sua Igreja. Não é tempo de fomentar dissídios, nem de avivar querelas de outros séculos.

Uma coisa é fazer primeiro adeptos de um determinado sistema cristão religioso - católico romano, ortodoxo, anglicano, batista, metodista, ou qualquer outro - para só então dar-lhes direito de vir a Mesa do Senhor, e outra é o prepará-los para virem a Santa Mesa, como crentes, como batizados, relegando para um plano secundário o feitio peculiar do sistema cristão de suas preferências.

Proceder da primeira forma, é escravizar as almas, e amarrá-las ao poste do sectarismo, ou fazê-las passar, vencidas e humilhadas sob as forcas caudinas de uma seita ou de um partido eventualmente vencedor. É a escola do fanatismo e do desequilíbrio religioso; é o viveiro de desavenças e de irritantes questiúnculas de campanário.

Chiboleths Provincianos (*) -

(* Nota do revisor: A palavra Chibolete é de origem hebraica e significa rio, enchente; se refere a uma prova que os gileaditas fizeram aos efraimitas, quando estes fugiam e

queriam atravessar os vãos do Jordão após sua derrota, tendo que proferir a palavra como senha para sobreviver; como o sotaque dos efraimitas não permitia pronunciar o *chi* , ou *xi*, hebraico, eles falavam *siboletes* em vez de *chiboletes*, e então eram mortos sem mais cerimônia. A palavra *chibolete*, funcionava como uma senha para sobreviver e como os efraimitas não conseguiam pronunciá-la eles eram assassinados. Ver Juizes 12: 5-6)

Porém o franquear-se a Mesa do Senhor às almas crentes, devidamente preparadas, mas sem exigências preliminares de *chibolethes* provincianos, sectários, e cruéis, é seguir o exemplo de São Paulo e dos demais apóstolos, que não consentiram que as marcas do judaísmo, com as suas peculiaridades tradicionais e exclusivistas, fossem impostas aos crentes como termo de comunhão.

E se um irmão, por fraco ainda na fé, não alcançou plena maturidade espiritual, não é motivo para se correr com ele da Mesa do Senhor, a qual foi instituída, não somente para as grandes mentalidades como Santo Agostinho ou São Tomás de Aquino, mas também para os pequeninos em Cristo. E a Mesa do Senhor é exatamente o lugar em que estes aprenderão melhor a conhecer o Mestre, a amá-lo e servi-lo. É de lembrar que muitos dos mais tocantes e salutares ensinamentos do Cristo foram ministrados à mesa com os seus amigos. Negar-lhes, pois, sob qualquer motivo, um lugar à Mesa da Comunhão, quando se apresentam de espírito humilde, sincero e penitente, é privá-los da melhor oportunidade de nutrição espiritual e crescimento em graça.

É esta a doutrina de São Paulo, muito diversa da prática que, séculos mais tarde, começou a ser abusivamente usada - a excomunhão dos hereges ("ao que é fraco na fé, acolhei-o, não para discutir as suas dúvidas". Rom. 14:1). Erros doutrinários havia-os, e muitos sérios, nos dias apostólicos, mas contra eles empregava-se a arma poderosa da palavra, e não a dos anátemas. Verdade é que São Paulo, em certo ponto, profere um anátema, mas não contra os que abraçam doutrinas imperfeitas, senão aos que não amam a Nosso Senhor Jesus Cristo.

A Autoridade Moral - Quando a autoridade moral vai decaindo, em indivíduos ou corpos governativos, vai na

mesma proporção crescendo a afirmação do princípio de autoridade, até o ponto de ser considerado como alguma coisa em extremo sagrada, infalível, oracular, intangível. O maior crime, então, é qualquer coisa que possa parecer um desacato à autoridade; e o maior pecado já não é a mentira, não é o furto, não é a luxúria, nem mesmo o assassinio, mas o pecado contra a ordem estabelecida e os seus representantes. É o regime do autoritarismo, e o maior promotor, como é notório, de todos os dissídios e revoluções.

O que queremos dizer não é nada menos que isto: católicos romanos, ortodoxos, anglicanos, ou reformados, a nenhum de nós assiste o direito de nos considerarmos separados uns dos outros na Mesa do Senhor, assim como não temos o direito de dar como irritado qualquer Batismo que uma vez tenha sido aplicado em nome do Deus Trino, em obediência à ordem do Senhor. "Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo" (Ef. 4:5).

O Ponto de Partida - É aqui, justamente, o ponto de partida para a unidade cristã, e não o ponto terminal, como se tem pretendido erradamente. Renuncie-se ao espírito de prepotência, qualquer que seja a sua forma, dogmática ou imperialista, e com humildade, com sincera contrição, escute-se a voz de Jesus Cristo com a mesma frescura com que ecoou aos ouvidos dos discípulos na Palestina. A certos cristãos, hoje, apegados literalmente à Bíblia, aferrados a um dogmatismo unilateral, intolerante, presumido e faccioso, ele diz: "Não ambicioneis o nome de mestres; porque só um é o vosso mestre, e *todos sois irmãos*", E a outros que, ciosos de suas tradições apostólicas e das honrarias a que se julgam com direito, porém esquecidos e impenitentes das muitas desonras que também trouxeram ao nome de Cristo, exigem como termo de fraternidade, a inteira submissão ao seu domínio, sob pena de excomunhão, ele também diz: "A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é o vosso Pai, aquele que está no céu" (Mat. 23:8-12).

A Mesa do Senhor é o lugar especialmente designado para selar de uma maneira pública e solene, mediante o sangue generoso vertido na cruz, o pacto sagrado da irmandade

universal dos crentes, alimentados por uma só esperança, unidos todos em um só propósito, a vitória do reino de Deus no mundo.

A sede real do catolicismo cristão, antes de ser procurada em uma situação geográfica, deve ser encontrada em uma atitude da alma, em uma disposição reverente e fraternal de espírito (Luc. 17: 21). Nessa sede espiritual e invisível foi que Cristo lançou a pedra fundamental da unidade da sua Igreja quando, abrindo seu coração aos discípulos na Quinta-Feira de Endoenças (Quinta-Feira Santa), pouco antes da agonia no horto, reiterou-lhes com instância o peso da sua mensagem. o tópico mais augusto do seu testamento: "O meu preceito é este, que vos ameis uns aos outros."

O Cenáculo - E ali, sentado à mesa com os doze, mostrava-lhes qual havia de ser, neste mundo, o lugar sagrado, a terra santa que não deveriam pisar com os sapatos nos pés, a sede visível da sua unidade. Esse lugar privilegiado não seria uma sé pontifícia, com sua pompa, o seu fausto, o seu renome, o seu prestígio, nem ainda as cercanias de um púlpito de onde jorrassem torrentes de eloquência, mas antes o lugar em que agora se achavam, o cenáculo, o santuário que então abrigava o Altar da Santa Comunhão. Ali o Sumo Pontífice, que era ao mesmo tempo a vítima do sacrifício, ministrava aos discípulos o celeste alimento do seu Corpo e Sangue, que a morte iria separar, a fim de que pudessem comunicar a vida ao mundo agonizante. E a real presença do Mestre que eles agora miravam com os olhos da carne, menos clara do que mais tarde teriam de contemplar com os olhos da alma, far-se-ia sentir daí em diante, de um modo todo particular e eficiente, sempre que se reunissem, reverentes, para o ato sacramental do partir do pão, penhor da sua união com o Mestre, símbolo e instrumento da sua unidade fraternal. É aí, no Altar da Eucaristia, que eles ofereceriam a Deus o culto aceitável em espírito e verdade, emancipados de coerções vexatórias e regionais, provenientes de Jerusalém, de Garizin, de Antioquia, ou de Roma.

Sede Visível de Unidade - A sede primordial da unidade visível da Igreja é certamente o Altar da Santa Comunhão, porém depurado das profanações de espíritos frívolos, irreverentes e contenciosos, e colocado bem alto, onde não se faça ouvir o vozear molesto das ambições carnavais de predomínio.

Alcançado o plano mais elevado, nas culminâncias do santuário, onde o Rei torna patente a sua glória, as demais questões de ordem e disciplina encontrarão fácil e natural ajustamento. O senso vivo da verdadeira presença do Senhor derramará luz meridiana sobre os múltiplos problemas que, pelos processos comuns, seriam perpetuamente insolúveis.

Selo Inviolável da Unidade - Porém, de entre todas as tempestades de anátemas recíprocos dos séculos medievais, uma coisa salvou-se como selo sagrado e inviolável da unidade cristã - o respeito ao Batismo. Era este reconhecido como válido, mesmo quando aplicado por aqueles que eram cortados, ou que mal avisadamente, se cortavam a si próprios da comunhão com o episcopado. Assim como os templos, naqueles séculos, foram o reduto inviolável onde a furia perseguidora e violenta não ousava penetrar, assim também o Batismo, uma vez conferido na intenção de ser cumprida a ordenança do Senhor, ninguém conscientemente se atrevia a repetí-lo, sob pena de cometer-se um sacrilégio. É que por um divino instinto, superior ao zelo crescente da autoridade que punha todo o empenho no extermínio da dissidência religiosa, manteve-se o Batismo com selo visível, sagrado e inviolável da unidade.

E a unidade do Batismo traz, como consequência imediata e inevitável, a unidade do Altar da Santa Comunhão.

O que cumpre, hoje, no meio de tantas vozes discordantes, é colocar a Mesa do Senhor, como nos dias apostólicos, em plano elevado, acatado, reverenciado, acima do fragor das injúrias.

São Pedro em Antioquia - Entendem alguns, que o meio de por termos às contendas suscitadas em torno da Mesa do

Senhor, é abandonar a Instituição de Cristo, ou tratá-la com suspeita, com desdém, ou então dividi-la ao sabor de cada grupo. A mesma tentação, nos dias apostólicos, ocorreu com a divergência, que parecia insanável, entre cristãos hebreus e gentílicos. Porém os apóstolos sustiveram firme o princípio de unidade da Igreja, não pelos rijos tentáculos de uma autoridade central, mas pela intransigente afirmação da unidade do Batismo e na Santa Mesa indivisa, e sobretudo pelo exercício da caridade. São Pedro, em Antioquia, começara a fraquejar, fazendo concessões ao espírito sectário, porém mostrou-se bastante cristão ao receber, em público, a advertência de um irmão e colega.

Contra o espírito sectário e escravizante vingou, naquele dia, o princípio verdadeiramente católico, liberal, emancipante.

Um dos pontos falhos, em alguns dos modernos esforços para restaurar a unidade da Igreja, é o de fazer acesso à Mesa do Senhor dependente da absoluta unidade doutrinária, em lugar de se esperar que a unidade doutrinária resulte do convívio das almas crentes em torno da Santa Mesa e de uma comum experiência. Nem mesmo se deve esperar dos que vão à Mesa da Comunhão o mesmo conceito acerca da Eucaristia. Uns penetram mais fundo no valor da instituição, e outros só podem ver as coisas um tanto à superfície. Um menino, na Mesa do Senhor, não pode ter naturalmente a mesma apreensão que um adulto de larga experiência da vida espiritual; mas todos tem o direito de tomar o seu lugar no banquete do Senhor.

Imposições de Primazia - Há porém um outro erro de maiores consequências. É o de fazer a admissão à Mesa do Senhor depender do reconhecimento da ascendência deste ou aquele grupo de cristãos e dos seus chefes. Se os apóstolos tivessem recusados assentar-se com o Senhor à mesa, lá no cenáculo, enquanto não houvessem dirimido a preliminar questão de ordem, que para eles se afigurava de importância capital, e de saber qual deles deveria ser o primaz, podemos estar certos de que a primeira Eucaristia não teria sido mais que uma tentativa malograda. Mas eles foram bastante humildes e dóceis para ouvir e acatar o ensino do Mestre a

esse respeito, e para se despreocuparem totalmente de impertinentes questões de hierarquia para os efeitos de comunhão.

E nem todos os apóstolos tinham, nessa Quinta-Feira Santa, o mesmo grau de conhecimento do Mestre; uns o conheciam melhor que os outros, porém todos eram deficientes nos seus conhecimentos. E mais vagas ainda e desiguais eram as suas opiniões sobre a Instituição que acabava de ser estabelecida.

Três Pontos de Acordo - Em três coisas, porém, estavam perfeitamente de acordo: amavam o Mestre, queriam aprender do Mestre, queriam obedecer ao Mestre. Era isso o bastante então, e o é também agora. É em redor da Mesa do Senhor, no espírito de cordial unidade, e não isoladamente, que nós aprendemos as coisas mais importantes sobre Cristo, a sua Igreja e o Reino de Deus. É aí também que, no sentimento vivo do pacto de uma santa irmandade universal, aquém e além do véu, nós extraímos forças para obedecer a Deus e cumprir a nossa finalidade na vida.

Urge, pois, não perder tempo em vãs disputas, mas assomar logo ao alto e galgar o nível do Calvário onde, entre o céu e a terra, se desenha o perfil de uma cruz apontando para as alturas do infinito, e com os braços abertos para o conagração de toda a raça humana em Cristo.

A Sede Suprema do Poder - A mais alta sede de poder e autoridade na religião de Cristo é a que se encontra no santuário, na função sacerdotal da Igreja, à maneira de Cristo, que se imolou em sacrifício. A Igreja tem força quando segue de perto o Mestre, abraçando a sua cruz e deixando-se sacrificar em holocausto com ele pela redenção da humanidade.

A fonte mais alta de poder, na Igreja, não é a que tem por insígnia um báculo ou uma tríplice coroa; e não é também a que se pretende impor pela dialética, pelo poder da inteligência, mas é a que se substancia na função sacerdotal de Cristo.

Três ofícios tem Cristo, segundo o ensino da Igreja - o

Profético, o Pastoral e o Sacerdotal. Pode-se ver uma analogia deles, nos povos bem policiados, com os três ramos do poder - o Legislativo, o Executivo e o Judiciário. Só há ordem, harmonia e paz, com dignidade, nos povos que sabem colocar acima de tudo, acima da força, acima dos interesses políticos de facções, o direito e a lei. A preponderância absorvente por parte do Executivo é a tirania; o império incontrastado do Legislativo é a anarquia; mas a primazia da Lei põe cobro aos desmandos e assegura a ordem, a unidade e o real progresso do povo.

A Igreja também, durante a sua longa e profíqua experiência, tem frizado ora um ora outro destes ofícios de Cristo. O Oriente cristão com as suas intermináveis disputas doutrinárias, procurando encontrar uma fórmula intelectual de acordo entre os cristãos, e acabando no próprio desmembramento, é uma prova de que a função profética ou legislativa, na Igreja, não pode ter a hegemonia. E o Ocidente, centralizado em Roma, com o báculo de São Pedro e a tríplice coroa, insígnias de poder e da função pastoral, têm-se proposto como centro de unidade do mundo cristão. Mas a cristandade, longe de render-se, submissa, perante os símbolos e credenciais de potestade, fragmentou-se mais ainda, sem esperança, mesmo longínqua, de vir um dia a unificar-se à sombra de uma autoridade religiosa que, hoje mais que outrora, tornou-se suspeita pela sua aliança indiscreta com uma facção política regional.

Resta, portanto, à Igreja dar ênfase, como nunca foi dada em grande escala, ao aspecto sacerdotal da religião de Cristo, tendo como **símbolo a cruz** e como **sede visível o Altar da Santa Comunhão**, que até hoje tem sido injuriado, ou pelas violências do cetro e do báculo ou pelo vírus da dialética irreverente. O que há de unificar o mundo não será nem a sabedoria das fórmulas intelectuais nem o peso da autoridade pastoral, mas o espírito de abnegação, de amor e serviço, de que é símbolo, penhor e garantia o Altar em que os homens se irmanam, despidos de pretensões, porém humildes e contritos, vencidos pela força tremenda do amor de um Deus que se oferece, imolado em holocausto pela redenção e o conagração de toda a raça humana.

Renunciando ao caminho estreito e íngreme da cruz, do amor e do sacrifício, único que leva aos páramos de luz, de vida, de paz e harmonia, vive o mundo cristão desnordeado, a procura de algum oráculo infalível, que alguns pensam residir no Bispo a quem atribuem o direito ao báculo universal, e outros imaginam vê-lo consubstanciado nos arestos dos grandes concílios ecumênicos dos primeiros séculos, e outros ainda julgam achá-lo em uma Bíblia literalmente inspirada e infalível nos seus mínimos detalhes.

Porém o único centro supremo de unidade e vida é o que se encontra na cruz. Substituí-la, pois, por qualquer outro princípio, por mais venerável que seja, ou mesmo colocá-la para com eles em termos de paridade, é inverter a hierarquia de valores e cair na confusão. Mas onde a cruz é soberana, pairando acima de todos os princípios e valores subalternos, percebe-se imediatamente o acento inequívoco da voz unificante do grande Rei e único Pastor, o que deu a vida pelas suas ovelhas. E estas, por todo o orbe, sem distinções sectárias ou regionais, se reúnem em redor daqueles que, dignatários da Igreja ou não, vão adiante delas, chamando-as, com paciência e carinho, pela única entrada verdadeira do amor e da consagração em que se encontra a vida.

Foi esse o caminho de um São Francisco de Assis, e o espírito que animou um São Francisco de Sales, um São Vicente de Paula, um Davi Livingstone, como grande missionário, e, modernamente, duas grandes almas, o Cardeal Mercier e o Bispo Brent, de cujos túmulos ainda (*fruem os lamentos e as preces pela) sorte de uma Igreja dividida, e bradando pela unidade do mundo cristão pela cruz. (*o texto original está danificado, mas sugere que pode ser esta a idéia do que falta)**

É essa a única estrada segura que não leva à desintegração do Oriente e do mundo protestante, e nem as experiências reacionárias e malogradas do báculo infalível, mas conduz à verdadeira unidade espiritual e visível dos homens em Cristo.

É que na cruz se encontra a verdadeira sabedoria que confunde os sábios deste mundo, e nela também o poder de reger e unificar as almas na realização dos seus augustos destinos.

O Lábaro da Cruz - O sinal que consagra povos, raças e línguas, não é uma espada, embora seja a de Carlos Magno; não é um livro aberto, mesmo que seja a Bíblia, o melhor dos livros; não é também um cajado, ainda que seja o de São Pedro; mas é a cruz, símbolo do amor que se deixa imolar em sacrifício. Espada, cajado e livro tem certo lugar legítimo na vida dos homens e da Igreja; porém, o elemento mais alto, soberano, a que os demais devem estar subordinados, é a cruz (Ef. 1: 5-16).

A Igreja apostólica e primitiva conservou-se unida e forte, não porque possuisse uma autoridade central de pulso férreo ou qualquer mecanismo aperfeiçoado, mas porque soube por sempre na frente, sem hesitações, sem sofismas, o lábaro da cruz.

Cristo é o centro da vida, da luz e harmonia. E o Altar da Santa Comunhão, penhor celeste da verdadeira presença de Deus com os homens, é, por isso mesmo, a fonte maravilhosa de que brota a mística torrente, vista pelo profeta Ezequiel, e que se vai avolumando à medida que avança no seu curso, levando a vida, a fertilidade, o salvamento para os homens e as nações.

Mostrar portanto aos homens o rumo do Altar, e prepará-los para receber dignamente o Sacramento do Corpo e do Sangue do Senhor, imprimindo-lhes hábitos devocionais definidos, distintos, inequívocos, e inspirando neles uma atitude reverente e fraternal, é a grande tarefa que se impõe aos que almejam ver a Igreja forte, unida, fervorosa e radiante, a Santa Igreja Católica, oferecendo ao mundo o testemunho irretorquível de que Cristo é o único Senhor, o Autor da vida e o Príncipe da paz.

Rev. Salomão Ferraz - São Paulo SP, 1930